



## A representação de si-mesmo em narrativas autobiográficas de escritores brasileiros

The self representation in autobiographical narratives from Brazilian writers

**Maria Helena Palma de Oliveira**  
Universidade Bandeirante de São Paulo  
Brasil

### Resumo

Estudaram-se características predominantes das formas de representação de si-mesmo na infância/adolescência em autobiografias de 27 escritores brasileiros do século XX, de diversos períodos literários que relataram episódios de relacionamentos adulto-criança e criança-adulto, no âmbito familiar. Marcados pelo sofrimento físico e/ou psíquico. A pesquisa documental tomou como temática a infância/adolescência e como personagens o adulto responsável e a criança/adolescente. O relacionamento da criança/adolescente-adulto responsável evidenciou-se (54,5%) pelo medo, submissão, indiferença afetiva ou ambiguidade (admiração-ódio). Na representação de si-mesmo na infância/adolescência predominou (66,3%) a negatividade caracterizada por sentimentos de culpa, fragilidade, fracasso, submissão, manipulação e infelicidade. Os resultados marcam o caráter evolutivo da construção de significados sociais da infância, no Brasil, próprias de práticas cotidianas da primeira metade do século XX; mostram a importância da família na estruturação das temáticas que orientaram a representação de si-mesmo e de modo mais amplo da cultura, moldando a concepção de personalidade do indivíduo.

**Palavras-chave:** representação de si-mesmo; narrativas autobiográficas; escritores brasileiros.

### Abstract

This article studies the main forms of himself representation in childhood/adolescence based on the autobiographies of 27 Brazilian writers from the twentieth century. All of them reported cases of child-adult and adult-child relations in the family environment which left physical and/or psychic marks. The theme chosen for documental research was childhood/adolescence, and the chosen characters were the responsible adult and the child/adolescent. The relationship between the child/adolescent and the responsible adult was put in evidence by fear, submission, affective indifference or ambiguity. The representation of himself in childhood/adolescence was mainly described as negative, characterized by feelings of blame, fragility, failure, submission, manipulation and misery. The results show the evolving character of childhood social meaning construction in Brazil, proper of regular behavior in the first half of the twentieth century, the importance of the family and of the culture in the foundation of the themes which guided the representation of himself.

**Keywords:** himself representation; autobiographical narratives; brazilian writers.

### Introdução

O presente estudo analisa e discute as características predominantes das formas de representação de si-mesmo na infância e/ou adolescência em autobiografias de 27 escritores brasileiros do século XX, de diversos períodos literários que relataram episódios marcantes de relacionamentos adulto-criança e criança-adulto no âmbito da família que se caracterizaram pelo sofrimento físico e/ou psíquico (1) que os autores relatam ter sentido na época como decorrência destes relacionamentos.

Os modos de relacionamento adulto-criança é sociohistoricamente construído e a história social da infância tem sido marcada por dificuldades que se assentam na realidade histórica concreta vinculada às questões interclasses sociais e intraclasse social. Este



estudo tem como foco as dificuldades decorrentes dos modos de relacionamentos intraclasse social. Vincula duas grandes temáticas sociais: família e infância e imbrica-se diretamente ao padrão sociohistórico dos modos de relacionamento adulto-criança predominantes, principalmente, e não exclusivamente, na primeira metade do século XX. Em termos de contextualização histórica das práticas cotidianas ligadas à criança, há um interesse específico deste estudo pelo período de transição entre o século XIX e século XX, pois na última década daquele e nas duas primeiras décadas deste concentra-se a infância de grande parte dos escritores brasileiros estudados. Cabe lembrar também que a quase totalidade desses escritores vieram das camadas médias da população, normalmente filhos de proprietários rurais, comerciantes, professores.

Uma síntese de estudos históricos sobre a evolução da infância escapa ao propósito deste estudo, no entanto, alguns aspectos do trabalho de Perrot (1993) podem facilitar o entendimento das práticas relacionadas ao costume de bater nos filhos.

Perrot (1993), com base em documentos, estuda as funções e papéis da família francesa no século XIX até o início do século XX (Primeira Guerra Mundial). No século XIX, a situação a que estava submetida a infância era de dificuldade, pois apesar dos avanços nos termos do Código Civil francês, estabelecendo a igualdade dos herdeiros de ambos os sexos, o documento conservava concepções antigas que mantinham a superioridade absoluta do marido no lar e dos pais na infância. Assim, a realidade para a maioria das famílias continuou sendo a do sistema patrilinear de poder e de transmissão de bens. Em decorrência, a situação da criança no contexto familiar dependia de uma série de contingências ligadas às questões de gênero, posição entre os irmãos e preferências.

O capitalismo infiltra-se nos meios familiares e muda-lhes a imagem. A família passa a constituir um sistema econômico de gestão. No meio rural, a unidade econômica da base era a própria casa como espaço de trabalho onde os papéis de seus elementos estavam rigorosamente estabelecidos como uma família empresa. Nesse contexto, a criança completava esta unidade tão logo fosse possível. No meio proletário, a condição de vida também era regida por uma rigorosa economia familiar que, entre outros aspectos fomentou o trabalho precoce de crianças e acelerou os índices de natalidade entre os operários.

No século XIX, o filho ocupa mais do que nunca o centro da família (Perrot, 1993), no entanto, a forma como essa posição se realizou transformou-se no elemento básico que gerou a dificuldade para a existência infantil. O filho era ainda o centro do interesse de objetivos alheios aos seus. A sua afirmação no meio familiar não se deu a partir de seu próprio interesse de ser humano e de cidadão, mas somente pelo interesse social que sua existência marcava.

Nesse contexto, a existência da criança estava ainda orientada pelos papéis estabelecidos pelo grupo familiar e limitada basicamente por este espaço. É na família que a criança tinha acesso à instrução, ao trabalho e, às vezes, aos bens; possibilidades estabelecidas agora também pelos interesses sociais do Estado e dos saberes sobre a criança que vão sendo construídos e difundidos nesse período. O interesse da criança, resultante do individualismo incipiente, ainda não se afirmara e viria a se desenvolver tardiamente (Perrot, 1993).

Nesse contexto, na sociedade francesa do século XIX, inclusive nas suas últimas décadas, o que Perrot chama de "costume de bater" estava presente em todas as classes sociais, muito embora se manifestasse com características e funções diferentes. Enquanto nos meios burgueses as crianças já não apanhassem tanto em casa, algumas práticas de uso de varas, açoites e cordas, cada vez mais reprovadas, ainda subsistiam em algumas escolas e liceus que pretendiam impor uma disciplina militar. Entre as classes populares urbanas, entre os pequeno-burgueses e no campo, as pancadas, as sovas e as vergastadas eram comuns e plenamente admitidas. Algumas formas de punição, como o uso de bastão, de açoite ou de corda, ficavam reservadas aos mestres de aprendizagem ou de instituições.

Para Perrot (1993), as esferas de poder se interpenetram na figura da criança, atendendo as representações comuns que a criança inspira: "a de uma força rebelde a



ser domada. A dureza da vida que deve ser aprendida. 'Serás um homem, meu filho!' A idéia de virilidade é carregada de força física". (p.159).

Situada nesse espaço intermediário, ora de interesse comum, ora de conflito, a infância do século XIX e início do século XX ainda estava marcada pela sua exterioridade, não havia até então expressão para o seu discurso, como individualidade, o que estava em processo de afirmação era o discurso sobre ela.

Considerando as mesmas categorias apresentadas por Perrot (1993), quando aborda a representação da criança como "ser social" com base em sua individualidade, denominada "interesse da criança", nota-se que no mesmo período, também no Brasil, a criança se constituía como ser social, ou seja, prevalecia sobre ela o interesse do grupo, principalmente do grupo familiar.

A família brasileira, do final do século XIX e início século XX, guarda muita semelhança com a família europeia estudada por Perrot, fato que traz similitudes para a possibilidade da vida infantil nessa época nos dois espaços geográficos. Na sua estrutura, a família brasileira está apoiada em modelo não muito distinto. Mello (1997, p. 414) afirma que "o patriarcalismo brasileiro não se distinguia muito do peninsular" e salienta o quanto esse patriarcalismo tardio foi responsável pela distância entre o homem e a mulher, entre pais e filhos. Destaca também que a família do sobrado urbano apresentava-se tão patriarcal quanto à da casa grande do meio rural. Explica: "a família patriarcal era, sobretudo, o produto de uma concepção autoritária da natureza das relações entre seus membros" (idem).

Esse delineamento da família abria espaço para uma série de situações de conflito geradas, não só pela diferença geracional como pela distinção entre os filhos (privilégios e exigências diferenciadas) e menosprezo e distanciamento em relação aos filhos mais novos e/ou do sexo feminino. O início do século XX mostrou-se difícil para a infância, embora tenha sido considerado o século da criança por comportar representações que estão diretamente relacionadas ao entendimento da particularidade infantil, no interesse da criança e na defesa de seus direitos como pessoa humana, como cidadã.

Embora os relatos autobiográficos estudados representem as lembranças de adultos, tais narrativas resgatam os significados e os usos do si-mesmo marcados pelos sentimentos que contextualizaram os relacionamentos familiares e a auto-representação na infância e/ou adolescência.

A ideia de dificuldade no relacionamento com o adulto associa-se ao efeito danoso sobre a criança e/ou adolescente relatado na autobiografia como sofrimento decorrente da ação do adulto. Nesse sentido, procurou-se sempre privilegiar uma visão individualizada, uma vez que, por exemplo, o olhar da avó de Pedro Nava, em um determinado episódio de sua infância, representou um forte momento de sofrimento e reflexão para o garoto de oito anos que foi capaz de marcar e orientar toda uma mudança de comportamento em relação à avó.

O adulto a que esse estudo se refere é aquele que se configurou, no período da infância e/ou adolescência relatado, como responsável ou co-responsável (pais, tios, tias e avós). A autobiografia é uma narrativa retrospectiva, em prosa, da própria existência, que evidencia a vida individual, particularmente, a história da própria personalidade. Segundo Lejeune (1975, p.14), a autobiografia realiza o "pacto autobiográfico" entre o autor e o leitor, em que se afirma explícita ou implicitamente a identidade entre autor-narrador-personagem, instituindo a representação de um percurso biográfico verificável.

As autobiografias literárias encontram-se ligadas, ao mesmo tempo, ao discurso da arte, da visão estetizada do mundo e ao discurso verídico. Não há verdadeira contradição entre arte e discurso verídico, há um aparente paradoxo. A expressão artística se dá como forma de superação do conflito gerado pela realidade e, principalmente, como uma forma de mudança da realidade que gerou tal conflito. A arte parte da realidade e a ela retorna.

O escritor da autobiografia assume a função de "escritor" no sentido que Barthes (1970) define como "função social da palavra literária" (p.33). Estabelecendo a ambiguidade através da palavra trabalhada, o escritor a transforma em "uma sobre-palavra, o real lhe serve apenas de pretexto (para o escritor, escrever é um verbo intransitivo); disso



decorre que ela nunca possa explicar o mundo, ou pelo menos, quando ela finge explicá-lo é somente para aumentar sua ambigüidade" (idem). No entanto, o escritor da autobiografia, ao transformar-se em autor de um texto que se propõe abordar o "ser verídico", no qual a palavra perderia esse caráter de ambigüidade apontado, assume também a função de escrevente que usa a palavra como simples instrumento do pensamento com finalidades bem demarcadas como as de "testemunhar, explicar, ensinar" (Barthes, 1970, p.35).

A autobiografia literária, fica estabelecida no meio termo (im)possível e escorregadio entre a função referencial e a função poética: entre a palavra "verdade", da memória factual possível -, e a palavra estetizada da memória subjetiva do escritor. Nas autobiografias estudadas aqui, estabelece-se o escritor-escrevente, talvez o "tipo bastardo" (idem) a quem se refere Barthes.

A Figura 1 (Escritores brasileiros estudados pelo período literário a que se vincula), a seguir, apresenta os escritores brasileiros que compõem a amostra estudada e detalha alguns dados relativos aos mesmos. O enquadramento de cada escritor, em um período literário, está de acordo, na maior parte das vezes, com o trabalho de Bosi (1997) e serve, aqui, apenas de contexto mais amplo para o entendimento da problemática, uma vez que não coube neste estudo um aprofundamento da questão. Este estudo toma como referencial alguns elementos da teoria de Jerome Bruner, principalmente os estudos realizados nas duas últimas décadas e publicados, no Brasil, a partir dos anos 1990 (Bruner & Weisser, 1995; Bruner, 1997, 1998) nos quais o autor busca o entendimento das formas canônicas de construção de significados pelos indivíduos. Estes trabalhos de Bruner têm em comum o estudo da forma narrativa como organizadora da subjetividade humana. Segundo Gerken (2002),

Bruner concentra-se nesse esforço de compreender as formas fundamentais de construção de significados que caracterizam o funcionamento do sujeito na cultura, identifica na forma da narrativa um dos princípios organizadores da subjetividade, uma das formas privilegiadas de inscrever a particularidade, a intencionalidade e o desejo no interior de um universo de símbolos compartilhados em contextos particulares de regras de convivência definidas (p. 6).

Bruner (1997) explora as formas de construção do si-mesmo dentro da perspectiva da psicologia cultural. Ele aponta duas exigências relacionadas a esse processo de construção: os significados que definem o si-mesmo pelo próprio indivíduo e pela cultura em que vive; significados marcados pelas formas de negociação de um contexto histórico-cultural e pelas práticas que colocam tais significados em uso. Nessa perspectiva, para Bruner, os indivíduos definem seus próprios si-mesmos "pela definição de personalidade dada por uma *cultura*" (Bruner, 1997, p. 101, grifado pelo autor). A construção do si-mesmo tem essencialmente uma dimensão histórico-social, tanto de um "si-mesmo de fora para dentro", como de um "si-mesmo do passado para o presente". O autor enfatiza que as visões do si-mesmo "são moldadas igualmente por uma sociedade, uma economia e uma língua, todas possuindo *realidades* históricas que, embora sujeitas à revisão, criam um *andaimé* para apoiar nossas práticas como agentes humanos" (idem).

No que se refere mais especificamente aos usos práticos do si-mesmo, Bruner afirma que é preciso estudar "o si-mesmo em uso, seu significado na práxis, distribuído na ação, em projetos, na prática" e acrescenta: "Para ser viável em uma psicologia cultural, os conceitos (inclusive o de si-mesmo) devem especificar como eles devem ser usados tanto em ação como na revelação e no discurso que cercam a ação" (Bruner, 1997, p. 102).

Buscando dar conta das duas exigências para a construção de uma psicologia cultural: dos significados do si-mesmo e de seus usos práticos, Bruner depara-se com a oportunidade de estudo das formas narrativas autobiográficas. Nesse sentido afirma: "Há, obviamente, uma alternativa viável, fazer uma investigação retrospectiva, através de autobiografias. (...) Refiro-me a um relato do que se pensa que se fez, em que



cenário, de que modo, por que razão" (Bruner, 1997, p.103)

Em outro trabalho, Bruner e Weisser (1995) dedicam-se ao estudo das funções e das formas narrativas autobiográficas. Eles propõem a autobiografia como a teoria do próprio ser, por isso a mais importante de todas. O auto-relato, chamado posteriormente de autodescrição não é necessariamente a vida armazenada na memória, é o ato de construção do relato de uma vida. "A autobiografia, em poucas palavras, transforma a vida em texto, por mais implícito ou explícito que seja. É só pela textualização que podemos conhecer a vida de alguém" (p.149).

Bruner e Weisser (1995, p.141) propõem duas teses como explicação das funções e das formas das narrativas autobiográficas. Na primeira tese afirmam que "o relato de si mesmo é composto pelas convenções estilísticas e pelas regras do gênero", sendo que essas convenções e regras acabam por impor limitações ao que se diz, ao como se diz e para quem se diz. As autobiografias estão presas às características do gênero e às convenções e apresentam uma disjunção inevitável entre o auto-relator e seu relato sobre si mesmo. Esse processo resulta na separação do *eu* que fala ou escreve, que se instala na 'instância do discurso', "onde tenta personificar um ser criado a partir da memória. O narrador e seu objeto compartilham o mesmo nome, mas não o mesmo tempo e espaço" (idem, p.144).

Na segunda tese, os autores afirmam que a forma de uma vida é função tanto da tese anterior "quanto daquilo que aconteceu no seu decorrer. E os pontos decisivos de uma vida não são provocados por fatos, mas por revisões na história que se usa para falar da própria vida e de si mesmo" (Bruner & Weisser, 1995, p.142); sendo que as revisões mais drásticas são as que provêm de dentro do ser. Os autores chamam as revisões de interpretações. O processo de autodescrição presente na autobiografia, chamado também de processo de textualização apresenta-se como "um ato reflexivo inerente à autoconsciência" (idem, p.149). Diz Menotti Del Picchia, poeta modernista: "Este é o momento oportuno para eu saber quem sou" (Del Picchia, 1970, p. 23). O ato reflexivo incorpora as possíveis interpretações e reinterpretaciones que se pode dar para o mesmo fato vivido. As pessoas podem reinterpretar o relato de suas vidas, no entanto, não negam o texto anterior; na verdade negam apenas a interpretação que lhe deram. Para Bruner e Weisser (1995, p.142) "as vidas são textos: textos sujeitos à exegese, reinterpretação e assim por diante"

O movimento de busca através da constante reinterpretação da própria história é eminentemente um processo de autoconhecimento e, sendo assim, de saber. Busca-se a verdade da própria história. A intrínseca relação com a verdade faz com que, ao escrever uma autobiografia, o escritor esteja diante de uma constatação irrevogável: a de ser histórico. Ao tentar resgatar-se enquanto unidade, apresenta-se como ser múltiplo, o outro (passado) que se transforma em si (presente).

É preciso destacar também que, ao mesmo tempo, as narrativas autobiográficas necessitam de verossimilhança, é preciso tornar a narrativa crível. Luís Jardim discute o processo:

Deforma-se, altera-se a impressão de vida passada pela visão do presente? Deforma-se, altera-se, é verdade. Quem revê, retifica, por mais que se empenhe em ser fiel ao já vivido. Toda a impressão se exprime por palavras, se dela quisermos dar notícia. A impressão teve a criança, mas lhe faltou o meio de exprimi-la. No correr do tempo, adquirido o meio, o próprio tempo se encarrega de alterá-la, partindo-a em duas, a cada uma conferindo a proporção que o momento ditar: o momento do passado, vivido, e o do presente, evocador. Importa o que resta, na medida em que, adultos, tenhamos a grandeza de nos amenizarmos, respeitando a vida pueril que um dia tivemos (Jardim, 1976, p.186)

Não está em um primeiro nível a questão do verdadeiro ou do falso, mas a interpretação



possível de cada momento vivido no momento em que se autobiografa. O fato narrado estava inserido em uma rede de significados presentes na realidade sócio-cultural que o envolvia no momento passado e que já não é a mesma quando se autobiografa. Orientado pelas regras que o gênero impõe, o escritor assume, muitas vezes explicitamente, o seu compromisso de chegar o mais próximo possível da verdade. Afonso Arinos, poeta e ensaísta modernista, destaca a presença da fidelidade ao passado, ao lado da reconstrução que o presente impõe a quem recorda:

Ao narrar tão fielmente como pode o que fez, viu e sentiu na sua vida, o homem observa os acontecimentos e as pessoas com a inteligência e a sensibilidade que são dele, no momento em que escreve, e não aquelas que eram suas, nos tempos que procura arrancar do olvido (Franco, 1961, p.2).

Sartre (1990, p.52) conclui sua obra autobiográfica com uma reflexão sobre o processo:

O que acabo de escrever é falso. Verdadeiro. Nem verdadeiro nem falso, como tudo o se que escreve sobre os loucos, sobre os homens. Relatei os fatos com a exatidão que a minha memória permitia. Mas até que ponto creio no meu delírio? Esta é a questão fundamental e no entanto não sou eu quem decide sobre ela. Vi posteriormente que podemos conhecer tudo em nossas afeições exceto a sua força, isto é, a sua sinceridade.

Está presente também em Pedro Nava, poeta e memorialista do período de Tendências Contemporâneas (Bosi, 1997) um claro compromisso com a verdade. O autor associa-o a um dado real de sua vida presente, talvez para aumentar este compromisso:

- Que horas são?
- São horas de ter vergonha!

É o que penso no dia em que completo setenta e cinco anos de vida e começo este meu quinto volume de memórias. E por quê? a epígrafe. Para minha encucação durante o trabalho que empreendo, querendo ser sincero, veraz e probo. Usando brio e vergonha (Nava, 1987, p.5). Aparece como um aspecto subjacente à questão da verdade na autobiografia a pergunta: verdade para quem? Para o sujeito presente que escreve como expressou-se acima; isto porque no ato de reconstrução do passado, "Opera-se uma transformação interna do indivíduo" o 'eu' do passado não é o mesmo 'eu' que se apresenta no momento da escrita" (Maluf, 1995, p.31). Luís Jardim, na sua própria autobiografia explicita o processo:

Há interferência recíproca de passado e presente, mas somente o que já foi influi naquilo que ainda é. Com as palavras de hoje é que narramos os acontecimentos de ontem. E esta é a única maneira de recordar por meio de palavras (Jardim, 1976, p.186).

Essa exterioridade que a textualização da própria vida engendra, transforma a autobiografia numa forma de reflexão, de autoconhecimento. Um ato reflexivo indissociável da autoconsciência.

Bruner e Weisser (1995, p.146) afirmam que a autobiografia tem por função essencial servir para a autolocalização do sujeito dentro do espaço sócio-cultural, porque expressa a necessidade que o indivíduo tem de situar-se novamente no espaço e também no tempo. Como "resultado de um ato de navegação que fixa a posição em um sentido mais virtual que real", com esse processo de autolocalização, "situamo-nos no mundo simbólico da cultura. Por meio dela, identificamo-nos com uma família, uma comunidade e, indiretamente, com a cultura mais ampla".

A autobiografia, ainda segundo Bruner e Weisser (1995, p.146), tem a função de individualização do sujeito, pois é um ato de independência. "Ao mesmo tempo em que nossos atos biográficos nos situam culturalmente, também servem para nos individualizar". Luís Jardim explica seu próprio processo:



As lembranças de mim mesmo que compõem este livro são dispersas e escolhidas. Obedeci a tempo, mas não a ordem. Não relatei a minha vida. Recordando, tentei buscar no passado remoto o que mais revela a minha natureza complicada, a singular vida do meu íntimo. Não me interessaram os fatos como tais. Narrei-os, mostrando o efeito que tiveram em mim (Jardim, 1976, p.186).

Estudo realizado por Jerome Bruner (Bruner & Weisser, 1995; Bruner, 1997) mostra que falar da própria vida é um exercício eminentemente consensual. A pesquisa específica com os vários membros de uma mesma família, evidenciou uma confluência temática nos relatos autobiográficos. Bruner e Weisser (1995) afirmam que "o tema é composto pela justaposição de mundos possíveis idealizados, embora contrastantes, em termos do qual se pode orientar um relato sobre si mesmo" (p. 153). Os pesquisadores encontraram em cada membro da família estudada uma mesma "geografia psíquica", caracterizada por temáticas recorrentes.

Para eles, o lar é algo interior, privativo, consolador, genuíno, íntimo e seguro. O mundo real é anônimo, hipócrita, imprevisível e arriscado. Mas, explicitamente para os filhos e implicitamente para os pais, o lar também 'engaiola' e aborrece, restringindo-se a deveres e obrigações: o mundo real significa excitação, oportunidade, desafio (Bruner & Weisser, 1995, p.156).

Tomando como base esses resultados os autores concluem que a família tem importância fundamental na formação de um consenso discursivo de autodescrição, pois "o discurso da autodescrição da família fornece não apenas um modelo, mas também um conjunto de normas" (Bruner & Weisser, 1995, p.153) que tem por finalidade criar a possibilidade de relacionamento entre seus membros. "Logo cedo aprendemos a como inventar nossas vidas para atender a premente necessidade de nos relacionarmos com a família" (idem, p.154). A família funciona como pároco da cultura e continua a aprimorar os gêneros biográficos.

Não que a família modele, em qualquer sentido, a forma da vida. Em vez disso, ao proclamar as estruturas temáticas em termos das quais a vida pode ser narrada, ao estabelecer os contrastes lingüísticos e ao definir os dilemas, força o gerenciamento da autoconsciência e da atuação. À antinomia do ser como narrador e do ser como sujeito, a vida acrescenta as do lar e do mundo, da responsabilidade e da individualidade. E estas são por ela compelidas (Bruner & Weisser, 1995, p.159).

Dois momentos da autobiografia de Graciliano Ramos evidenciam o processo pelo qual aprendeu a se autodescrever dentro da mesma confluência temática discursiva familiar de modo a atender a sua necessidade de relacionar-se com a família: "Teimava (a minha mãe) em declarar-me um animal" (Ramos, 1995, p.69) "Em conformidade com a opinião de minha mãe, considerava-me uma besta" (idem, p.190).

O estudo de Bruner e Weisser (1995, p.158) mostra que "a mente é formada, numa incrível proporção, pelo ato da invenção do ser" como uma força poderosa na harmonização e direcionamento dos infinitos fatores capazes de influenciar o comportamento humano. Afirmam que "por meio de prolongados e repetitivos atos da auto-invenção, definimos o mundo, o alcance de nossa atuação nele e a natureza epistemológica que governa o modo como o ser conhecerá o mundo e, na verdade, a si mesmo" (idem). Esse processo é essencial na formação da mente humana. Os autores destacam essa força da autodescrição, mas admitem que muitas coisas podem afetar o modo pelo qual realmente uma pessoa se comporta ou sente.



Escritor (a)	Período Literário
José J.C.Medeiros e Albuquerque(1867-1934)	Realismo/Parnasianismo
Humberto de Campos (1886-1947)	"
Mário Sette (1886-1950)	"
Álvaro M. da Soledad Moreira (1888-1964)	"
Everardo Backheuser (1879-1951)	Simbolismo
José Pereira da Graça Aranha (1868-1931)	Pré-Modernismo
Paulo Setúbal (1893-1937)	"
Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990)	"
Érico Veríssimo (1905-1975)	Modernismo
Gilberto Amado (1887-1969)	"
Pedro Calmon de Bittencourt (1902-1985)	"
Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) (1893-1983)	"
Antonio Carlos Villaça (1928-2005)	Tendências Contemporâneas
Augusto Frederico Schmidt (1906-1965)	"
Carmo Bernardes (1915-1996)	"
Cyro V. dos Anjos (1906-1994)	"
Eugênio Gomes (1897-1972)	"
Graciliano Ramos (1892-1953)	"
Helena Silveira (1911-1984)	"
Herberto Sales (1917-1999)	"
José Américo de Almeida (1887-1980)	"
José Lins do Rego (1901-1957)	"
Ledo Ivo (1924)	"
Luís Jardim (1901-1987)	"
Murilo Mendes (1901-1975)	"
Paulo Duarte (1899-1984)	"
Pedro Nava (1903-1984)	"
<b>Total: 27</b>	

Fig.1 – Escritores brasileiros estudados pelo período literário a que se vinculam

## Método

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa documental sendo que a análise dos dados foi feita com os referenciais da análise documental (Bardin, 1995). A infância e/ou adolescência apresentada em autobiografias de 27 escritores brasileiros foi primeiramente recortada pela temática infância/adolescência relatada; a seguir, tomou-se o personagem como unidade básica de registro.

O personagem: o ator ou atuante pode ser escolhido como unidade de registro. Neste caso, o codificador indica os "personagens" (ser humano ou equivalente, tal como um animal, etc.) e, no caso de uma análise categorial, as classes em função da grelha escolhida. Tal grelha é geralmente estabelecida em função das características ou atributos do personagem (traços de caráter, papel, estatuto social, familiar, idade, etc.) (Bardin, 1995, p.106).

Os "personagens" foram categorizados em dois tipos distintos: o adulto responsável (ou co-responsável) e criança/adolescente. No entendimento do adulto como "personagem", ator do acontecimento, o recorte foi feito em relação à sua função (função no contexto familiar); em relação ao modo de relacionamento com a criança/adolescente (privilegiou-se o aspecto afetivo da relação); em relação à representação do si-mesmo para a criança/adolescente.

Orientou o estudo a importância da atitude da criança/adolescente em relação ao adulto responsável. Nesse sentido, foi extremamente útil a definição de atitude de Bardin (1995, p. 155): "Uma atitude é uma pré-disposição, relativamente estável e organizada, para reagir sob forma de opiniões (nível verbal), ou de atos (nível comportamental), em presença de objetos (pessoas, idéias, acontecimentos, coisas, etc) de maneira



determinada".

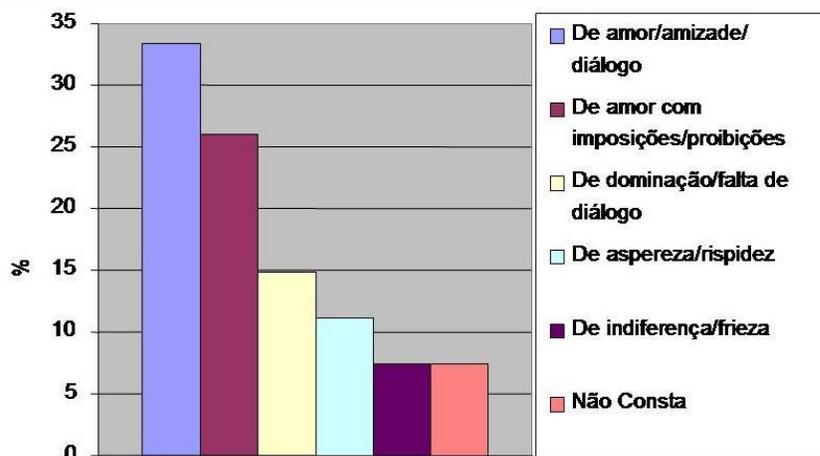
Buscando entender a criança/adolescente como "personagem", também ator do acontecimento, o recorte foi feito em relação ao modo de relacionamento da mesma com o adulto responsável (privilegiando-se o aspecto afetivo) e em relação à representação que a criança/adolescente tem de si mesma, na mesma linha do exposto acima em relação ao adulto responsável.

### Resultados e discussões

Os dados obtidos e expressos nas Figuras 2, 3, 4 e 5 que aparecem a seguir, encaminham as discussões alimentadas pelos fundamentos teóricos sintetizados anteriormente. Destaca-se, no entanto, que os pontos de discussão não esgotam os dados e apenas representam uma das possibilidades de abordá-los.

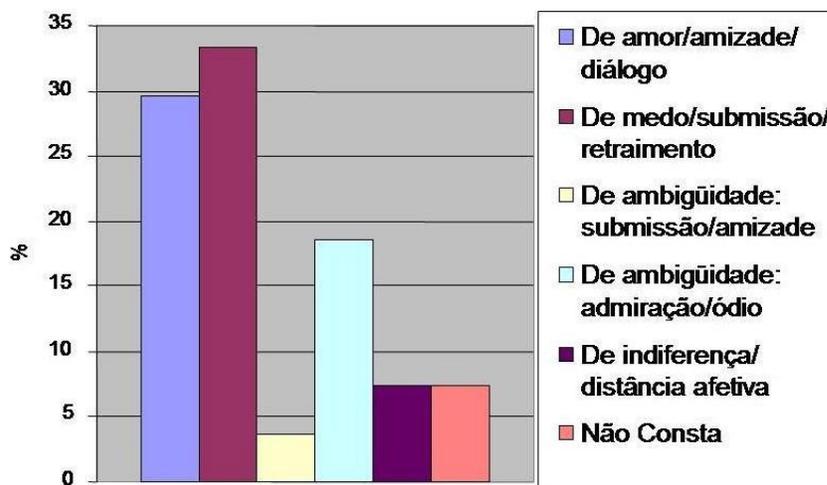
Os episódios autobiográficos relatados que se caracterizaram pelo sofrimento que os autores relatam ter sentido na infância e/ou adolescência como decorrência de relacionamento com adulto responsável mostram 15 pais, 10 mães, 1 avó e 4 tios(as).

As autobiografias estudadas foram capazes de fornecer elementos importantes sobre os modos de relacionamento adulto-criança (Figura 2) e criança-adulto (Figura 3) que, ao lado das categorias vinculadas à representação que a criança e/ou adolescente expressa do adulto responsável (Figura 4) e de si-mesma (Figura 5), podem facilitar o entendimento da trama de fatores que tecem e entretecem esse tipo de relacionamento familiar.



**fig. 2 - Relacionamento predominante agressor (a) principal com a criança/ adolescente vítima**

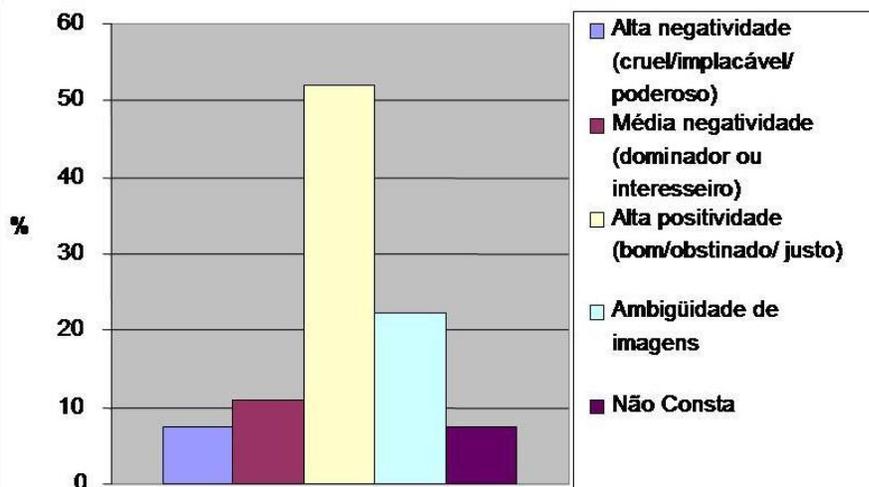
A Figura 2 sintetiza resultados que abordam o modo de relacionamento adulto-criança e mostra que, para um terço dos escritores, o relacionamento relatado nos episódios estudados foi marcado pela dominação, falta de diálogo, rispidez, indiferença e frieza. Apenas 33,0% dos escritores relataram relacionamentos marcados por amor, amizade e diálogo.



**fig. 3 - Relacionamento predominante da criança/adolescente vítima com o (a) agressor**

(a)

Considerando a Figura 3 que trata do relacionamento da criança e/ou adolescente com o adulto responsável chama a atenção que quase dois terços dos escritores relataram relacionamentos de medo, submissão, indiferença afetiva ou de ambigüidade marcada por admiração e ódio. No entanto, principalmente na relação adulto-criança, é bastante alto o número de escritores que apontaram a existência do relacionamento amoroso. Esses dados podem parecer contraditórios quando retomamos a ideia de que os escritores estudados foram protagonistas de episódios marcados por modos de relacionamento que causaram sofrimento e dor. Neste caso, é importante retomar pontos do estudo de Bruner e Weisser (1995) da formação na família de um consenso discursivo que fornece os elementos da autodescrição a partir de um modelo e de um conjunto de normas que, desde cedo, leva o indivíduo a inventar a própria vida no sentido de atender à necessidade de relacionamento familiar. A família estrutura as temáticas que orientam a "geografia psíquica" dos membros que a compõem. No estudo, evidencia-se que o sofrimento é associado no auto-relato ao excesso de amor dos pais em relação aos filhos, entre outros, em Graça Aranha (1931), Gilberto Amado (1958), Luís Jardim (1976). A força da família na estruturação das temáticas que permitem a formação de um consenso discursivo sobre o si-mesmo pode também explicar um dado relevante presente na Figura 4: a alta positividade na representação do adulto responsável no episódio que causou sofrimento e dor na infância/adolescência. Cabe acrescentar ainda que em grande parte das autobiografias que compuseram a Figura 4, a representação do adulto responsável pela positividade está associada à capacidade deste no âmbito dos relacionamentos externos à família. A representação do adulto tem as marcas do contexto social mais amplo em que o adulto é valorizado socialmente. É o que foi encontrado em Medeiros e Albuquerque (1993), Humberto de Campos (1947), Álvaro Moreira (1955), Everardo Backheuser (1942), Graça Aranha (1931), Paulo Setúbal (1953), Afonso Arinos (Franco, 1961), Alceu Amoroso Lima (1973), Gilberto Amado (1958), Pedro Calmon (1995), José Américo de Almeida (1986), Herberto Sales (1988) e Ledo Ivo (1985); para esses escritores o adulto responsável é descrito como bom, vigilante, obstinado, querido e justo.

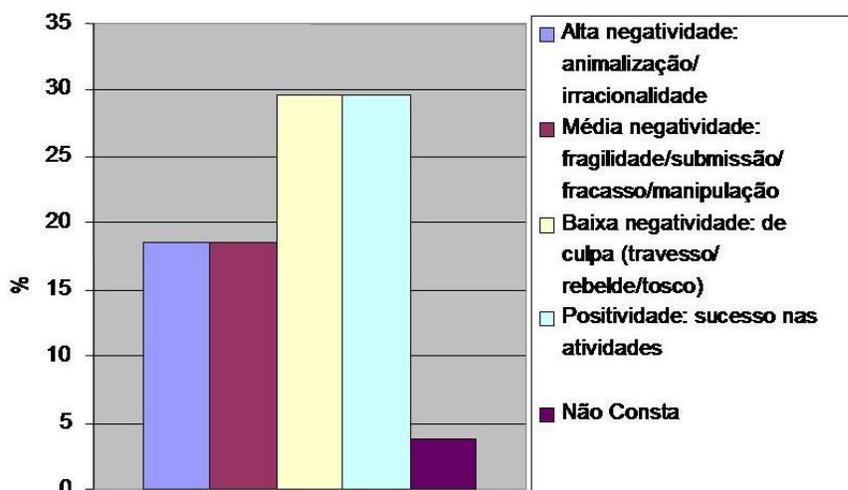


**fig. 4 - Representação do (a) agressor (a) principal para a criança/adolescente vítima**

A admiração pode ser tanta que o sofrimento e a dor sentida na infância/adolescência e a lembrança da mesma surgem como fonte de prazer.

Não me recordo se no momento tive algum sentimento de zanga ou de ódio contra ela. Não me recordo. Eu a queria tanto, tanto, que até suas pancadas eram capazes de me dar prazer. E depois eu as achei justas porque havia vadiado. (Backheuser, 1942, p. 19)

Em relação à representação que a criança e/ou adolescente tem de si mesma (Figura 5) no contexto de relacionamento com o adulto-responsável, o campo semântico que predominou foi o da negatividade infantil (alta, média e baixa) que concentrou em torno de 66,3 % dos escritores. A categoria baixa negatividade reúne a representação pela travessura que gera a culpa. A categoria média negatividade reúne os escritores que se representaram pela fragilidade, fracasso, submissão, manipulação. Nessa perspectiva, onde a infelicidade infantil associa-se ao adulto enquanto causador da mesma estão Graça Aranha, (1931), Érico Veríssimo (1976), Alceu Amoroso Lima (1973), Antônio Carlos Villaça (1970) Cyro dos Anjos (1963). A categoria alta negatividade concentra os escritores que se representam pela animalização e/ou irracionalidade: Humberto de Campos (1947) se proclama um "poldro selvagem"; Paulo Duarte (1976) "cachorro de guarda"; Luís Jardim (1976) "cavalo", "doido mesmo". Mesmo em escritores que atingem um elevado nível de consciência em relação ao modo de relacionamento com o adulto e ao sofrimento vivido, a alta negatividade na representação de si-mesmo está presente: Antônio Carlos Villaça (1970) denomina-se "animal"; José Lins do Rego (1956) "burro", além disso, assimila-se aos prisioneiros e a seu canário; Graciliano Ramos (1995) considera-se "uma besta" e assimila-se a "rato", "aranha", "barata". Também nessa perspectiva, o processo de estruturação das temáticas na formação de um consenso discursivo sobre o si-mesmo que ocorre no contexto familiar pode também justificar os dados da figura 5.



**fig. 5 - Representação da criança/adolescente sobre si mesmo (a)**

Resgatando a tese de Bruner, no processo de invenção do ser e de invenção da vida textualizada e sujeita a constantes interpretações e reinterpretaciones, a família tem papel essencial pois é responsável pela estruturação das temáticas que orientam a formação psíquica de seus membros. Essa consideração facilita a interpretação dos dados da representação do si-mesmo no período da infância/adolescência de escritores brasileiros. Humberto de Campos também explica:

Sempre fui proclamado, sem irritação consciente de minha parte, o menino mais feio da família. Nasci feio, e tenho sido, na vida, nesse ponto, de uma coerência acima de todo elogio (Campos, 1947, p.49).

Continua mais adiante: "Eu tenho a impressão de que não fui, jamais, um menino alegre e querido" (idem).

Graciliano Ramos recupera os significados e os usos do si-mesmo marcados pela negatividade no contexto familiar.

Sem dúvida o meu aspecto era desagradável, inspirava repugnância. (...) Bezerra encourado. Mas não me fazia tolerar. Essa injúria revelou muito cedo a minha condição na família: comparado ao bicho infeliz, considerei-me um pupilo enfadonho, aceito a custo. Zanguei-me, permanecendo exteriormente calmo, depois serenei. Ninguém tinha culpa do meu desalinho, daqueles modos horríveis de mambembe. Censurando-me a inferioridade, talvez quisessem corrigir-me (Ramos, 1995, p.130).

Conforme visto anteriormente, Bruner destaca que além da família, a cultura, num sentido mais amplo, molda a concepção de personalidade do indivíduo. O estudo mostrou que os significados e os usos do si-mesmo infantil foram ao encontro de concepções culturais mais amplas que cercam a representação da infância no século XX.

Estudo de Snyders (1984) discute cinco assimilações do termo criança, como adjetivo, mostrando que, historicamente, a criança esteve associada às categorias de indivíduos adultos determinados como classes e categorias sociais expropriadas de poder e assim depreciadas socialmente (os escravos na Antiguidade, os negros colonizados, os criados, o povo e as mulheres); mostra ainda que, em decorrência, os elementos desvalorizantes das categorias às quais a criança é assimilada refletem-se sobre ela, reforçando a constituição de uma imagem desvalorizada. Para Snyders, esse processo dificulta a



revelação plena do amor que se pode dedicar à criança, facilitando a manifestação da indiferença no contexto de relacionamento entre pais e filhos.

No caso específico deste trabalho, interessa a assimilação da criança aos fracos, aos oprimidos nas relações sociais, como forma de entendimento da representação da criança-adolescente pela negatividade, pela exaltação dos próprios defeitos. Problemáticas como a debilidade da inteligência que gera a depreciação de si mesmo, a fraqueza de se ter a vida orientada pelos caprichos infantis, (travessuras, peraltices) comportam a representação da criança inferiorizada por ser ainda primitiva, selvagem. José Lins do Rego relata: "Todos estavam seguros da minha burrice (...). Não havia jeito. Era mesmo a burrice de senhorzinho Goiabão e de João Beabá. (...) A minha cabeça era mesmo de pedra" (Rego, 1956, p.212). E Gilberto Amado afirma: "Essa incompreensão salvou-me de ser o vagabundo que eu trazia em mim..." (Amado, 1958, p.58).

O estudo mostrou ainda uma outra forma de assimilação pela negatividade: a assimilação da criança-adolescente a animais, à irracionalidade. Cabe lembrar que os animais aos quais a criança/adolescente se assimila, na sua maioria, são exatamente aqueles marcados também pela negatividade perante a visão do adulto. São animais caracterizados pelos adultos pela limitação de suas capacidades: "besta", "burro", ou pela limitação do espaço: "canário" da gaiola; ou ainda animais marcados principalmente pela perseguição doméstica: "rato", "aranha", "barata".

Em síntese, em relação aos escritores autores de autobiografias sobre a infância e estudados nesta pesquisa, os resultados permitem fazer as seguintes afirmações: (a) nos modos de relacionamento adulto-criança/adolescente predominou a imposição, a falta de diálogo, a rispidez e a indiferença; (b) os relacionamentos criança/adolescente-adulto foram marcados pelo medo, submissão, conflito afetivo e indiferença; (c) o adulto responsável é representado pela positividade: bom, obstinado e justo; enquanto que (d) a representação de si-mesmo na infância/adolescência expressa-se pela negatividade: animalização, irracionalidade, submissão, fragilidade, fracasso, manipulação e culpa.

Esses resultados evidenciam o caráter evolutivo da construção de significados sociais da infância/adolescência caracterizada nas práticas cotidianas da primeira metade do século XX, no Brasil, quando ainda permanecem representações da criança como "uma força rebelde a ser domada" (Perrot, 1993, p. 159) e que eram evidentes no final do século XIX.

O século XX, considerado o século da criança, consegue construir ao longo de sua história, representações que estão diretamente relacionadas ao entendimento da particularidade infantil, no interesse da criança como pessoa humana. No entanto, essas características em processo de construção na primeira metade do século não conseguiram influir significativamente os modos de relacionamento adulto-criança e a representação de si-mesmo para os escritores estudados.

## Referências

- Almeida, J. A. (1986). *Memórias: antes que me esqueça*. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo.
- Amado, G. (1958). *História da minha infância*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Anjos, C.V. (1963). *Explorações no tempo: memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Aranha, J. P. G. (1931). *Meu próprio romance*. São Paulo: Nacional.
- Backheuser, E. (1942). *Minha terra e minha vida: Niterói há cinqüenta anos*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Original de 1977).



- Barthes, R. (1970). *Escritores e escreventes* (G. G. Souza, Trad.). Em R. Barthes, *Crítica e verdade* (pp. 31-9). São Paulo: Perspectiva. (Original de 1966).
- Bosi, A. (1997). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- Bruner, J. S. (1997). *Atos de significação* (S. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original de 1990).
- Bruner, J. S. (1998). *Realidade mental, mundos possíveis* (M. A. G. Domingues, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original de 1986).
- Bruner, J. & Weisser, S. A. (1995). A invenção do ser: a autobiografia e suas formas (V. L. Siqueira, Trad.). Em D. R. Olson & N. Torrance, *Cultura escrita e oralidade* (pp. 141-161). São Paulo: Ática. (Original de 1991).
- Calmon, P. (1995). *Memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Campos, H. (1947). *Memórias: primeira parte (1886-1900)*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson.
- Del Picchia, M. (1970). *A longa viagem I*. São Paulo: Martins.
- Duarte, P. (1976). *Memórias: as raízes profundas*. São Paulo: Hucitec.
- Franco, A. A. M. (1961). *A alma do tempo: memórias: formação e mocidade*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Gerken, C. H. S. (2002). *Cultura oral, escrita e cognição na psicologia de Jerome Bruner*. Trabalho apresentado na XXV Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, Brasil.
- Ivo, L. (1985). *Confissões de um poeta*. São Paulo: Global.
- Jardim, L. (1976). *O meu pequeno mundo: algumas lembranças de mim mesmo*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Lejeune, P. (1975). *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil.
- Lima, A. A. (Pseudônimo Tristão de Athaide). (1973). *Memórias improvisadas: Diálogo com Medeiros Lima*. Petrópolis: Vozes.
- Maluf, M. (1995). *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano.
- Medeiros e Albuquerque, J.J.C. (1933). *Minha vida: memórias*. Rio de Janeiro: Calvino Filho.
- Mello, E. C. (1997). O fim das casas-grandes. Em F. A. Novais & L. F. Alencastro (Orgs.), *História da vida privada no Brasil. V. 2. Império: a corte e a modernidade nacional* (pp. 385-438). São Paulo: Companhia das Letras.
- Moreira, A. M. S. (1955). *As amargas, não: lembranças*. Rio de Janeiro: Lux.
- Nava, P. (1987). *Galo das trevas* (Memórias, 5). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Perrot, M. (1993). Funções da família (F. Hildegard, Trad.). Em M. Perrot (Org), *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra* (Vol.4, pp. 104-120). São Paulo: Companhia das Letras. (Original de 1987).



- Ramos, G. (1995). *Infância*. Rio de Janeiro: Record.
- Rego, J. L. (1956). *Meus verdes anos: memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Sales, H. (1988). *Andanças por umas lembranças: subsidiário II*. São Paulo: Nacional.
- Sartre, J. P. (1990). *As palavras* (J. Guinsburg, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original de 1964).
- Setúbal, P. O. (1953). *Confiteor: obra póstuma*. São Paulo: Saraiva.
- Snyders, G. (1984). *Não é fácil amar os nossos filhos* (E. C. Lima, Trad.). Lisboa: Dom Quixote. (Original de 1980).
- Veríssimo, E. (1976). *Solo de clarineta*. Porto Alegre: Globo
- Villaça, A. C. (1970). *O nariz do morto*. Rio de Janeiro: JMC.

### Notas

(1) Uma outra possibilidade de abordagem das formas de relacionamento adulto-criança/adolescente poderia ser feita com o aporte aos conceitos hodiernos de violência doméstica e suas tipologias específicas como violência física, violência psicológica. No entanto, neste estudo, optou-se por evidenciar os dados que deram origem às Figuras 2, 3, 4 e 5, que serviram de base para toda a discussão sobre os significados e usos do si-mesmo e que não se apoiam em conceitos contemporâneos específicos da área de estudo da violência doméstica, mas em categorias surgidas da análise de conteúdo das próprias autobiografias estudadas.

### Nota sobre a autora

*Maria Helena Palma de Oliveira* tem doutorado em Psicologia pela USP, mestrado em Psicologia da Educação pela PUC-SP e bacharelado e licenciatura em Língua Portuguesa pela FFLCH (Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas) da USP. É docente do Mestrado Profissional em Reabilitação Vestibular e Inclusão Social e do curso de Psicologia, ambos da UNIBAN (Universidade Bandeirante de São Paulo), campus Maria Cândida (Rua Maria Cândida, 1813, Bloco G, 6º andar, Vila Guilherme, São Paulo, 02071-013. São Paulo). *Contacto*: moliveira@uniban.br.

Data de recebimento: 31/07/2008  
Data de aceite: 30/05/2009